

Discurso na Cerimónia de Encerramento do Centenário da Universidade de Lisboa e de Abertura de Ano Académico – Tiago Gonçalves, Presidente da Associação Académica da Universidade de Lisboa

O ano de comemorações do centenário da Universidade de Lisboa, que agora se encerra, ficou marcado pelo resgatar da memória da nossa Instituição.

Lembrámos, por várias vezes, a importância e o privilégio de apresentar tanta excelência nas mais diversas áreas do saber; recebemos antigos alunos, para nos contarem a sua experiência e transmitirem a sua visão de Universidade e homenageámos personalidades cuja obra transcende as fronteiras académicas, tomando as proporções de uma participação política, social ou cultural de mérito inatacável e reconhecido internacionalmente.

Mas este ano de comemorações que agora finda ficou também marcado, à imagem da História da nossa Universidade, pelo assumir de lutas por mais liberdade, mais justiça social, mais condições para aprender e para ensinar e, sobretudo, por mais esperança.

Mais liberdade, que só se consegue se não estiver posta em causa a autonomia universitária, deixando às Universidades a capacidade de gerirem os seus próprios recursos e de renovarem geracionalmente o corpo docente.

Mais justiça social, porque a destruição, passo a passo, do sistema de atribuição de bolsas de estudo, complementada com o fim de outros apoios na área da acção social, não respeita o agora gasto princípio que nos diz que o mérito é o único critério diferenciador entre estudantes da Universidade, não relevando a sua proveniência ou condição social.

E mais condições para aprender e para ensinar, que podem ser alcançadas se não existirem constantes estrangulamentos financeiros às Instituições de Ensino Superior, permitindo, assim, a actualização, minimamente adequada, de materiais técnicos e pedagógicos, bem como uma mais adequada relação entre o número de docentes e o número de estudantes.

Falta falar de esperança, mas torna-se muito difícil dissertar sobre algo que, neste momento e neste país, parece ter deixado de existir.

Primeiro, foi a constatação do flagelo do desemprego a minar as perspectivas de futuro de quem acorria à Universidade pensando que o conhecimento era uma chave para a mobilidade social. Agora, é o próprio discurso governativo que afirma a inevitabilidade de uma vida pior para a nossa e para as futuras gerações, convidando-nos, com uma gentileza muito desconfortável e com a resignação de quem acha que nada pode fazer pelos seus jovens, a emigrar.

Também é este o desalento que vemos espelhado no rosto dos nossos pais e avós, que dizem não acreditar que determinados direitos por eles adquiridos, e conquistados ao longo de décadas de contestação, esforço e empenho, possam ser hoje ser suprimidos, com relativa facilidade, por uma penada do legislador.

Neste limbo, onde a esperança parece estar a definhar, há quem nos diga que contestamos pouco, que *o saudoso antigamente é que era* e que os jovens de hoje em dia já não são feitos da mesma massa que os outros. Por outro lado, também surgem vozes discordantes, fervorosamente crentes de que só nos sabemos queixar e que, ao invés de contestar, precisávamos era de mais juizinho e de trabalhar mais, acreditando que o acaso do amanhã nos trará melhores dias. Estes últimos são aqueles que já não se lembram da sua juventude ou que nunca foram jovens. Já dizia Salvador Allende, *ser jovem e não ser revolucionário é uma contradição até biológica*.

Pelo menos em relação a um aspecto, as duas partes parecem ter concordado: não são crentes no nosso futuro, e também não acreditam ser possível transmitir-nos outra coisa que não uma pesada herança.

Porém, o centenário da nossa Universidade soube provar que, mesmo na noite mais escura, a herança que é deixada às próximas gerações não tem de ser, nem deve ser, nem pode ser, uma herança desprovida de esperança. A internacionalização da Universidade de Lisboa e a sua fusão com a Universidade Técnica de Lisboa são projectos ambiciosos cuja

concretização significará uma marca indelével tanto na nossa Instituição, como no nosso país.

Uma nova Universidade de alto nível europeu, dotada de um leque de investigação científica multidisciplinar nunca antes implementado em Portugal, seria um legado académico extraordinário. E a consolidação de um efectivo espírito de Universidade à volta dessa nova instituição traduzir-se-ia numa herança social e cultural inigualável, que poderia contribuir para a construção de mais e melhores soluções políticas para o país.

Quanto à internacionalização, a acção Universidade de Lisboa prova que o contacto entre civilizações e o intercâmbio de conhecimentos e experiências entre diferentes culturas será sempre um motor de crescimento pessoal, porque é desta forma que crescemos enquanto pessoas, e um motor de crescimento dos Estados que sabem aproveitar esse conhecimento que foi adquirido pelos seus cidadãos.

Uma vivência globalizada, rica em experiências no estrangeiro, deverá ser proporcionada pelo desejo de abrir horizontes e de enriquecer enquanto ser humano e nunca pela inevitabilidade de fugir de um país que não nos quer. Não há maior vergonha para um Estado do que aquela que advém de não poder dar condições de vida condignas aos seus cidadãos, nem deverá haver, na sua perspectiva, maior orgulho do que aquele que resulta da capacidade da sua população de, após adquirir qualificações além-fronteiras, voltar para dar o seu contributo ao país em que nasceu.

Voltar aos tempos em que se saltava a fronteira para sobreviver significaria encararmos o embaraço de um retrocesso civilizacional. Diferentemente, alimentar uma rede inter-civilizacional de conhecimento será a única solução possível para enfrentar a crise.

Por isso, no nosso reduto universitário, o mundo pode parecer um pouco mais confortável e o futuro mais risonho. Por isso, na Universidade, a vida parece um pouco mais justa do que aquela que encontraremos no já muito magro mercado de trabalho. Por isso, na Universidade, os nossos esforços parecem ter resultados menos aleatórios do que aqueles que têm de ser avaliados pelos mercados.

A linguagem e o ideário económicos, muito em voga, defendem que as pessoas reagem a estímulos. Nesta altura, esses estímulos terão de ser a esperança e a liberdade na construção do nosso futuro, para que este não fique hipotecado e os nossos sonhos consumidos. Porque, tal como dizia o muito pouco académico poeta António Aleixo, *se os homens chegam a ver/ porque razão se consomem/ o homem deixa de ser/ o lobo do outro homem.*